

## Seção Literária

### Conto

#### Uma mágoa transcende a vida

Ian Martins Fernandes de Assis\*

E mais um dia rotineiro de trabalho brilha pela janela no rosto pálido de uma mulher deitada sobre a cama sedutora, a chamando para mais horas e horas de sono, e bagunçada. Só a restou abandonar sua companheira noturna e levantar-se para ir de encontro ao espelho do banheiro escovar os dentes, se maquiar, como de costume, para ir ao trabalho. Enquanto se maquiava, parou de fazê-lo para olhar lentamente sua imagem no espelho... Se deparou com um rosto cansado e infeliz, não imaginara que a noite passada a faria tão mal quanto pensou que faria. Talvez precisasse mesmo da maquiagem, pensou.

Regata, short, carteira no bolso e seu velho *all star*. Resolveu não trabalhar hoje, tinha algo em mente.

Passou rápido pela sala para não se deparar com a imagem de seu marido deitado no sofá, resultado pós-briga da noite passada. Na mesma velocidade pegou as chaves da porta e a atravessou deixando-a para traz com um grande impacto, feito propositalmente, e se foi apartamento abaixo para seu carro. Deu o educado, e forçado, " bom dia " ao porteiro e saiu para as avenidas com seus carros furiosos indo cumprir metas e horários, ao qual hoje não importava a ela fazer o mesmo.

Decidiu ir ver o mar, apesar de estar tão poluído quanto o seu humor era o único lugar que se sentia mais tranquila e fazia amenizar essa ira e, talvez, egoísmo de dentro dela.

Após sair de um túnel longo e escuro se deparara com, entre os grandes prédios, o azul-marítimo em diferentes tons se perdendo nos outros infinitos azuis que se mesclavam com os do céu radiante e límpido que estava no dia.

Virando em uma rua qualquer para se dar acesso à praia. Sem pensar duas vezes colocou uma das mãos, delicada, mas atenta para não perder o foco no trânsito, no botão indicativo a abrir as janelas frontais do carro, e então as janelas escuras se recolheram deixando o cheiro do mar invadir seus pulmões e enche-los da tranquilidade, prontamente, deixar a razão tomar sua cabeça, que estava procurando. Não foi suficiente, mas ao menos estimulou um sorriso ao ver as pessoas e o lugar amplo, livre...

Estacionou na primeira vaga que encontrou, indicada por um daqueles "vigias", que, por sinal, só lembra da existência de seus fregueses quando chegam com o carro, quando saem e, finalmente, recebem a recompensa que esperavam: Um trocado pra

---

\* Estudante do Ensino Médio no Estado do Rio de Janeiro. Possui gosto pela escrita literária e já publicou vários textos em seu estado.

usarem sabe-se lá com o quê. Pelo menos era o que tinha para si própria.

Uma passada rápida de protetor solar no rosto, braços e pernas, uma esticada até o porta-luvas para pegar os óculos escuro e, enfim, saiu do carro tirando os tênis enquanto conferia que o sistema de alarme do carro fechara suas janelas, antes abertas, e o som da tranca automática do carro indicasse o seu feito. Atravessou a rua com os tênis na mão.

Um vento oportuno lambeu seu rosto com aquelas gotículas atômicas, quase imperceptíveis ao toque em seu rosto, da água do mar jogando as longas madeixas negras ao alto em todas as direções, naturalmente acabaria com a diversão dos fios capilares arrumando-os ou prendendo o mesmo, mas hoje não decidiu fazer isso, queria se sentir de qualquer forma diferente para não se estressar quando for refletir a noite passada.

Resolveu ficar por ali mesmo sentada abaixo de um grande coqueiro, fazendo parecer que a sombra e o vento eram velhos amigos brincando em volta de seu corpo dividindo o mesmo espaço como se nada pudesse parar sua sincronia.

" Sombras... ", pensou ao se aconchegar mais no banco de concreto à beira da calçada que circundava a gigantesca praia. " Seria tão bom se elas fossem tão gostosas quanto a que essa árvore faz pra mim. "

" - Como você é idiota!

- Querida, eu apenas saí do trabalho e fui ajudar a filha de uma funcionária, ela estava com sérios problemas e tinha que ir para o hospital mais próximo, o mais rápido possível. Ela iria morrer, amor! - explicou o homem

- Não importa, você é meu e não chegou no horário ao qual deveria chegar, você mentiu pra mim e foi ajudar outra pessoa. Isso é imperdoável! - retrucou a mulher recolhendo suas mãos sobre seus olhos negros que transbordara lágrimas.

- Ela tinha um problema asmático muito grave, mas a mãe não sabia disso... Era apenas uma bebê, ela imaginava que podia ser alguma falta de ar repentina, normal. Mas não era, eu só queria ajudar. Você não entende?

- Sim, eu entendo. Você deixou de vir pra nossa casa ficar com sua mulher pra ajudar outra. Nós não temos nada haver com as outras pessoas! Nós somos nós, eles são eles. Aqui quem não está entendendo é você!

- Era uma vida humana... Se eu ao menos tivesse chegado um pouco mais cedo, teria salvado a menina... - os olhos castanhos se lamentando pela perda.

- ERA? AH! Então você saiu para ajudar uma morta? Faça-me o favor... - instintivamente ela o empurrou.

E ao mesmo motivo, o homem segurou o punho da outra golpeando-a duramente com o olhar durante alguns segundos. E a soltou.

- Não quero que isso aconteça, mas... Um dia você vai pagar por ser desse jeito. "

O estrondo de uma onda quebrando ao tocar o chão a tirou da viagem introspectiva à noite passada, e igualmente àquela lembrança que se guardava em seu consciente, a

onda se recolhia de volta ao mar.

Vislumbrou por mais alguns minutos o mar até sua cabeça se esvaír o máximo que conseguia. Enfim, se levantou e foi em direção à rampa de acesso a praia ver o mar mais de perto e, conseqüentemente, se despedir do seu velho amigo.

Só percebeu que já era quase fim de tarde quando pisou na areia que antes parecia um espelho que refletia o sol agora estar fofa e morna. Andou cantarolando " *Every me and every you* ", uma música do Brian Molko, um de seus favoritos, chutando os montes de areia e girando fazendo enormes pegadas na areia, uma mania que tinha desde criança.

O chão úmido e duro indicou sua chegada ao fim de seu caminho e sua despedida, enfim, poderia ser feita. Andou mais poucos passos a frente até poder sentir o último esforço da onda a dominar toda a praia o fazer com seus pés que se arrepiaram ao sentir a água fria. Agachou-se e tocou a água balançando as mãos como se tivesse dando um "tchau" para a água e se levantou:

- Senhora, pode me ajudar com um trocado?

Deu um salto por, novamente, ter sido quebrada sua concentração em um pensamento e, por medo mesmo, apenas assentiu com a cabeça em negação e deu as costas para o jovem.

- Senhora, por favor... Eu não tenho muito além dessas poucas moedas, me ajude?

- Não garoto! Não me encha a paciência, vá cuidar da sua vida.

Subitamente o negro magricela passou um dos braços sobre o ombro direito da mulher e a aproximou dele, fazendo-a sentir um forte cheiro de fumos e lixo.

- Mil perdões, mas eu tenho que por um pão e um café dentro da minha casa até amanhã para minha família, então por favor. Me dê algum dinheiro, se não algo pior pode acontecer - seus lábios grandes e secos faziam a voz dele sair de um sussurro estranho.

- Vem cá, eu sou padeira? Não ferra pivete! - Com o tênis que estava em sua mão bateu na cabeça do estranho que a abordara fazendo vários pigmentos brancos amarelados colorirem o cabelo curto e crespo do mesmo.

Com o ato passado, o assaltante puxou-a por um dos braços quando insistiu em seguir o caminho. Pensara em revidar novamente e gritar por socorro, mas ao virar. Um arrepio tomou de ponta à cabeça seus sentidos e, ao mesmo tempo, em que suas pernas pareciam fraquejar do tanto que bambeavam se sentia congelada pelo medo, até que se sentiu

como não respirasse mais.  
Um grande estrondo disparou no ar.

Seus sentidos afetados e todo o medo pareciam não existir mais, um tiro fora disparado à queima-roupa contra o peito da mulher que se negou a ajudar o outro, assaltante.

Tudo que se via era todo o branco da areia sugar para ele, como a água do mar, todo o sangue que escorria pelo corpo daquela mulher tão bela... Mas tão suja.

Seus longos e negros cabelos brilhavam ao pôr-do-sol que agora se formava, quando

começou a ver sua visão ficar mais turva com suas últimas forças sussurrou para o assaltante enquanto ele revistava toda sua carteira não deixando rastro de dinheiro nela.

- Ei... - o homem continuou a revirar de todas as formas a sua carteira cheia de bolsinhos e compartimentos. - Ei! - remexeu o corpo com dificuldade para que o homem a visse.

- Ah, é você? Não parece tão mandona agora, não é mesmo?

- Por favor... Chame uma ambulância... Eu... Eu vou morrer, garoto! - já com a voz quase inaudível.

- " Vem cá, eu sou " Médico? " Vai cuidar da sua vida! ". - Virou as costas e tacou a carteira por cima dos ombros, enquanto andava com um sorriso vingativo no rosto.

Enquanto isso, quanto mais o homem negro se distanciava, mais a visão daquela pessoa jogada próxima a margem da praia continuava a turvar... A respiração quase não parecia haver mais, única coisa que ainda a fazia saber que estava viva era o som do mar.

"As ondas estavam ficando mais curtas?", se perguntava. " Não quero que elas se vão, fiquem aqui... ". O som se distanciava cada vez mais, enquanto as lágrimas salgadas rolavam em seu rosto por só agora ter compreendido o quanto já machucou as pessoas na vida, o quanto as atrasou mentalmente... O quanto era amada por persistirem nela, e nada. Nem uma gota de gratidão ou satisfação para com seus entes próximos ou íntimos.

Uma última onda quebrou e sua audição já não se fazia presente. Estava morta.